

- Adaptação e arranjo de Roberto  
Lis, baseado no romance do meg  
no nome. -

1º ATO

(ENTRE O SEGUNDO E O TERCEIRO SINAL PARA ABERTURA DO PANO, OUVI-SE O PRELÚDIO DO  
4º ATO DA TRAVISTA. COMEÇA A BATER O TERCEIRO SINAL PARA ABRIR O PANO E NA PAU-  
SA QUE HA, ANTES DAS TRES BATIDAS FINAIS, JÁ ELE COMEÇA A SE ABRIR E GENEROSA ES-  
TÁ AO FUNDO DA CENA, FAZENDO UMA PORÇÃO DE SINAIS PARA DENTRO, SEM SE PERCEBER <sup>de</sup>  
que O PANO JÁ SE ABRIU. ELA ESTÁ DE VESTIDO DE ESTILO, EM COR DE OURO, ENFEITADO DE  
REBORDÃO PRETO E TENDO NA PARTE DAS COSTAS DA SAIA, UM GALO PRETO, PINTADO OU APLI-  
CADO À GUIZA DE PAVÃO. A CABEÇA TODA PENTEADA EM BUCLES, DEIXANDO CAIR DOIS PEQUE-  
NOS CACHOS DE CADA LADO DO PESCOÇO, PRESOS COM CAMELIAS. ELA AINDA NÃO SE DEU CO-  
TA QUE O PANO JÁ SE ABRIU E CONTINUA NOS SINAIS E NOS GRITOS LÁ PRA DENTRO, QUANDO  
DE REPENTE OIHA, VÊ OS ESPECTADORES, FAZ-LHES UM SORRISO AMARELO E LOGO A SEGUIR  
UMA CARA DE ÓDIO PARA O INTERIOR DO PALCO. REPETE ESTE JOGO MAIOR NÚMERO DE VEZES  
PARA TIRAR MAIS EFEITO. FAZ REPETIDOS SINAIS PARA QUE FECHEM O PANO MAS EM DETER-  
MINADO MOMENTO, VENDO QUE O PANO NÃO SE FECHA, PERDE AS ESTRIBEIRAS E EXPLODE).

GENEROSA - (AO FUNDO DO PANO QUANDO ESTE ESTÁ SE ABRINDO) Chama o Juvencio aí, Tudi-  
nha. Adonde é que se meteu-se essa peste do inferno? Tá na hora da gente  
começar, já vai se abri-se o pano e a gente não sabe adonde é que ele  
tá mitido, esse iscumungado. Caminha, Tonico, vai procura ele, vai vê adon-  
de ele se meteu-se. Vai depressa, e diz pro teu pai pra não alivanta o  
pano já que ainda falta o negrinho (quando esta dizendo isto olha raren-  
tinamente para a plateia, vê que o pano já se abriu e tem um mixto de SUS-  
TO, DE DESCONTO E DE ÓDIO) (Deixa fazendo sinais para o pano se fechar  
mas vendo que ele continua aberto não se contém e explode) Oh Sidoca! Ca-  
minha fecha isso duma vez aí, bananao. Fecha isso duma vez, desgraçado!  
Tu não tá vendo que a gente ainda não tá perperada e alivanta o pano? Fe-  
cha isso, peste do diabo. Quando spinina o drama tu vai apanha, tu vai  
vê. (Olha para o público, sorri amarelo e fala) Discurpe, o Sidoca se en-  
gano-se, (O pano vai se fechar, chega a fechar um pouco) Pera aí, tu não  
tá vendo que eu tô falando com o público? Vai fecha a polta na cara deles  
que hora mais imbecível, meu Dues! (Sorri) O que é que eu tava dizendo  
mesmo? Ah! ve alembrei. Discurpe, não é? O Sidoca não viu que a gente ain-  
da não tava perperado e abriu o pano. Ele já vai fecha. (Para, fica es-  
perando e o pano não se fecha. Sorri amarelo para o público e vira-se pa-  
ra o lado da cara de fera.) Caminha, fecha isso aí duma vez, bananao, o  
que é que Caminha que abriu isso inhante do tempo? Tu não viu que o Ju-  
vencio ainda não tava aqui?

SIDOCA - (de dentro) Onde é que ele está, Generosa?  
GENEROSA - Sei eu? Adonde é que ele tá. Tu sabe que esse nego é pior que o tihoso  
a gente nunca sabe adonde é que ele tá.

JUVENCIO - (Do fundo do palco, em vestido de estilo cor de maravilha, touca branca,  
aventil e flichou brancos, oculos e brancos. Traza em baixo dos braços um  
cão de Alasca e uma sarrote de salto alto. Num das mãos um cachorro  
quente embrulhado e na outra um desembrulhado e já pela metade)  
Tô aqui, dona Giniroza.

GENEROSA - (Bota as mãos nos quadris, fica sacudindo a cabeça e devota fala) Nêgo  
sevelgonho, disabrido, cara dislavada. Adonde é que tu tava mitido, is-  
cumungado? Tu não sabia que já ia começar o espetáculo?

JUVENCIO - Uei, eu fui compra o cachorro quente que ~~axaxaxaxaxaxaxaxaxaxax~~ eu tava  
cum fome. A sinhora inte pediu pra eu compra um tra sinhora como é que  
agora tá dizendo que não sabia adonde é que eu tava. (Mostrando) Tá aqui,  
o os dois cachorro quente. O aqui é esse que tá curido.

Generosa - Cachorro não se diz, deixa de se parariado.

Juvencio - Uei, então como é que eu vô dizer.

Generosa - Cão quente, como é que vai dizer! E caminha duma vez, cachorro que o pú-  
blico tá esperando e a gente tá que começa o espetáculo.

Juvencio - A sinhora principal que eu arrependo de aqui mesmo. O público não arre-  
para e se arrepara só, eu prepero vô trizina de cum esse cão que eu tô  
cum fome e não vô trabalha cum fome.

Generosa - Mes eu tço pouco. Tu pensa que eu sô burro de calça? Tô aqui folcefando  
deia das duas hora de talde. Arruma cenário, arruma os móvi, arruma os  
vistido, não se alembrei de janta.

Juvencio - Óia, dona Giniroza, não arranjeri carnelias. Só tinha gira só. Salve?

- Generosa - O que é que a gente vai fazê a essa hora da noite? Agora tem que deixá essas mesas. Eu disse praquela infeliz do Sidóca que era pra mandá com ela mas ela se insuece de tudo.
- Juvencio - Mas essas não são muito deferente, dona Ginirosa. Tem parecias de carnelia, só a co é que é deferente.
- Generosa - Pois é, agora deixa assim mesmo. Caminha, caminha, assobe pra cá duma vez que o seu publico tá esperando o dramas. (Juvencio aproxima-se calmamente, vestigando o cachorro quente) Anda, negrinho, tu pensa que o publico é teu criado pra tá esperando por ti, tu não te enzeiga?
- Juvencio - Já to indo. A sinhora não tá vendo que eu já to indo? Não perde esse sistema de vê que a gente tá indo e tá mandando. Que coisa também. Não hay coisa que me deixe mais felnetico do que isso.
- Generosa - Caminha, cala essa boca e assobe duma vez. (Juvencio sóbe) (Generosa vira-se pra o lado) E tu, bananao, o que é que tu feiz esse tempo todo que ainda não fechô essa cortina? (sorrindo amarello para o publico) Discurpi, sim? Eu peço pro respeitvri publico que não arrepare. A gente é a primeira vez que faz essas coisa... (O pano fecha um pouquinho) Fere aí, eu to falando. (O Pano para e permanece no lugar até onde chegou) O que é que eu tava dizendo? Ah! Pois é, pois é a primeira vez que a gente fazemos essas coisa a gente ainda não tá ben imbituada sempre acontece um causinho assim. Os artista de verdade ás veiz acontece, não é mesmo? (Juvencio entra já sem o cachorro quente na mão mas ainda mastigando. Entra o outro e os dois vão a dona Generosa. Ela olha para os dois com que ela tem na mão e pergunta).
- Juvencio - Tô, dona Ginirosa, o meu eu já cumi. (De-lhe o cachorro quente) Aqui tá as flor, adonde é que eu boto elas?
- Generosa - Bota ali. (vendo os assentos que ela tem na mão) Ué, com que sapato que tá tu?
- Juvencio - (levantando um pouco a saia e mostrando). Com os têni, dona Ginirosa. Esses da dona Coleta eu num pude sopolta eles. Eu num podia caminha de resto com eles, eles é mais arto atraiz do que na frente a gente fica disprelo.
- Generosa - Pois é, mais tu vai botá eles outra vez porque adonde é que se viu arreprenta um dramas com têni? Caminha vai lá pra dentro vai botá eles.
- Juvencio - (saindo) Puxa, dona Ginirosa, que a sinhora é barvada! Obrigá a gente a bota esse soplicio. Credo! Misiricórdia! É mais ben barvada esse diabo! (sai)
- Generosa - (olhando para a plateia) Mais Sidóca, tu ainda não fechô esse pano, homem de Deus?!... Caminha, peste do diabo, fecha essa polcaria duma vez. (sorrindo amarello) Discurpe. Ele vai fecha que é pra gente curça de resto outra
- (O PANO FECHA O TEMPO SUFICIENTE DE GENEROSA COLOCARSE NO DIVAN EM POSE ESPECIAL, CHEIRANDO UM GIRASOL COM UMA DAS MÃOS E COM A OUTRA ABAYANDO-SE COM UM LEQUE DE PLUMAS. OLHA PARA O PUBLICO SORRINDO, AGRADECE, PERMANECE AINDA ALGUNS MOMENTOS NA MESMA POSICAO FORCADA E DEPOIS INVAN-TA-SE, INQUANTINHANDO-SE PARA A MESA. TOCANDO UMA SINETA. JUVENCIO É IMPUNADO PRA FRENTE E CHEGA ATE PERTO ODE ELA ESTA - NO ESPELHO DO FUNDO ARRUMANDO O CABELO)
- Juvencio - A sinhora chamô ~~Mademoiselle~~ Mademoiselle Margarida?
- Generosa - (deixando o espelho e virando-se para ele, com afetação) Charci, sim, meninas. (Vir-lhe o sinal de que ficou tempo, ele levanta um pouco a saia mostra-lhe os sapatos e faz um gesto de que não pode) Não veio ninguém a minha procura, meninas?
- Juvencio - A Madama Imprudencia teve aqui.
- Generosa - É o que é que ela queria ela não disse?
- Juvencio - Disse, Mademoiselle. Esta lá na casa dela um monsieur que que se apresenta do pra sinhora. Ela pediu que ansim que a Mademoiselle chegasse que eu avisasse ela pra ela trazer ele.
- Generosa - (olha pra o ponto, fazendo sinal de quem pergunta o que deve dizer). Mas entao vai, meninas e avisa ela que eu já cheguei. (Juvencio sai, todo empinado). Olá um monsieur que se apresentado pra mim. Como será ele? Elegante? Guico? Eu Margarida Gontier só uma estetica. Se ele não fo elegante e bonito, jamais!
- Juvencio - (gritando, nos bastidores) Caminha, dona Feres, a dona Ginirosa disse que já podia ir. (Generosa faz sinais para dentro que o negrinho não grite e sorri amarello para o publico, vai ao espelho e começa a arrumar o cabelo e o vestido. Juvencio entra.) A Madama Imprudencia já vem. (Generosa agarra da mesa o gira sol e o leque e coloca-se no divan na mesma posicao que estava quando abriu-se a cortina. Caminha).

- Generosa - Vai abrir depressa, Maninas, não faiz o Monsiê esperar. (Fica na mesma posição. Juvencio sai. Procura ruua. Entra Prudencia, muito cavalheiresca de vestido de estilo de cor forte, com o cabelo todo em bucles e dois fiões de perolas passando pela testa e caindo de um e de outro lado da cabeça, num arranjo das mes as perolas. Tem tambem umas alacretes presas no cabelo e uma echayre preta bordada a lanteoulas sobre os hombros, mitaines pretas.)
- Prudencia - Oh minha querida, já estive duas vezes aqui à tua procura. (Arrando surge ao fundo, vestido à época, e fica parado aguardando o sinal de Prudencia para se aproximar, olhando encantado para Margarida) Passaste melhor esta tarde? (Generosa faz um sinal afirmativo com a cabeça) Queria apresentar-te o senhor Arrando Dival que ancia por conhecer-te. (Margarida sorri encantada sem, todavia, olhar para Arrando) Aproxime-se, Arrando. (Generosa olha turbivamente para Arrando nas volta rapidamente a cabeça e permanece na posição em que estava, nao querendo demonstrar a sua curiosidade. Arrando aproxima-se). Apresento-lhe a minha encantadora amiga Margarida, a quem tanto o senhor desejava conhecer pessoalmente. (Arrando curva-se, respeitoso, permanecendo na posição de curvatura. Margarida estende a mão sem olhar para ele e recebendo que ele não a segura não beija-la imove-a duas ou tres vezes para o lado como para chaver-lhe a atencao. Prudencia bate no braco de Arrando e faz-lhe sinal, mostrando-lhe a mão que ele então segura e fica sem saber o que fazer com ela. Prudencia beija a roupa não como a indicar-lhe o que deve fazer e ele então não copia o gesto. Margarida sorri enleuada e levanta-se).
- Generosa - Margarida Gautier ou a Dona das Carvelias, como quize, uma eniguinha às olds.
- Arrando - Oh, Mademoiselle!... Quão ditoso é este instante para mim!... Arrando Dival, um escravo da sua graça e da sua beleza!
- Generosa - Se assente, seu Dival.
- Arrando - Chame-me Arrando, Mademoiselle. Sentir-me-ei mais feliz ouvindo-o tratar-me com maior intimidade.
- Generosa - Tá muito bom, si o requer... sem se assente, seu Arrando. (Ele senta-se numa cadeira, ela e Prudencia no divan).
- Prudencia - Já jantaste, querida?
- Generosa - Ainda não. Eu ia mandá lute a janta quando a Maninas me disse que tu quiris fala comigo.
- Prudencia - E se fôssemos ceiar em qualquer parte?
- Generosa - Não conven, o tempo não tá muito sincero, pode vir chuva e eu não posso apanhá humidade. Eu perfiria janta aqui mesmo. Si voceis me quizesse me dá o prazer da companhia...
- Prudencia - O que diz Arrando?
- Arrando - Ficaria grato, Madame Prudencia.
- Generosa - Pois intem combinado. Jantemo aqui. Prudencia, vai disé pra Maninas que venha botá a mesa e veje a janta pra nós.
- Prudencia - Irei seguidamente. Estou com um apetite formidavel! (SAI).
- Generosa - (Depois de um ruua em que se derrete toda para Arrando e olha-o por cima do ruua, parece encurvadado e sem jeito) Fale, seu Arrando,
- Arrando - O que poderei dizer-lhe, senina Gotiê? Repetir-lhe que ancia pelo instante de conhece-la pessoalmente? Isso a senina já o sabe de sobre. Já lho disse Madame Prudencia e e eu mesmo o repeti quando aqui entrei.
- Generosa - Ouviu fala muitas veis da Mademoiselle, Margarida Gautier?
- Arrando - Muitas. Inumeras vezes. E costumava vax a ver passar todas as tardes no seu coupe, pelos Campos Eliseos. Ficava a olha-lo até que ele se sumia na distancia! Sua imagen ficava comigo, gravada na retina dos meus olhos (encantada) Persiga, seu Arrando, persiga.
- Arrando - Uma tarde o coupe não apareceu. Soube depois que Mademoiselle havia adoecido gravemente e desde então vinha diariamente a esta casa pedir noticias suas ao porteiro.
- Generosa - Hô!... Era então o senhor que vinha sabé noticias minhas e não dizia o seu nome?
- Arrando - Era eu, sim. Eu, Arrando Dival, o escravo da senina Gotiê e dos seus encantos!
- Generosa - Arrando, como tu sois bom!... (Pousa o braço no ponto) E era tu então. (olha novamente para o ponto e faz o gesto de aproximar e apurar mais o ouvido) Era tu tambem que se mande intao aquela ruua de oclides?
- Arrando - Sim, fui eu. A senina appreciou-o?
- Generosa - Tá muito bom, sim, mas eu pelifiro as carvelias do que as oclides. Aho mais oclidosas.
- Arrando - Hei de mandar-lhe carvelias todos os dias, minina gotiê.
- Generosa - Oh quanto que o senhor vai gastá. Não se incomode. Eu arrecoibo dos outros, eles manda.

Armando - Mas eu farei questão de manda-las. (Entra Manine e Prudencia. Manine traz uma toalha de mesa, de quadros vermelhos e brancos. Prudencia tira o lençol que esta em cima da mesa do centro e coloca-o noutro rasinha que ha ao fundo, em baixo do espelho. Tira tambem o pano para Manine estender a toalha.) (Manine estende a toalha e sai)

Prudencia - E entao, ja se entenderam?

Generosa - Temos pelestriando. Muito simpatis o seu cunhido, Prudencia.

Prudencia - Um verdadeiro cavalheiro, nao e verdade? E o senhor, o que dia de Margarida?

Armando - Um encanto, Madama/ Prudencia, um verdadeiro encanto!

Generosa - O senhor e muito galantero. Isso e honrosidade da sua parte.

(Entra Manine com os pratos e os talheres e vai botando a mesa com tres louças, durante a conversa que se segue) (Ao entrar com a louca torce o pé, quasi que cai e Generosa boia as mãos na cabeça, assustadissima) Cuidado, negrinho, essa louça e emprestada, tu quebra isso a gente tem que paga. Que dinherosa que não vai se gaste. (Sorri para o publico, diáfaroando).

Juvencio - (brabo) Truci o meu pé. Eu não tenho culpa. Eu disse pra sinhora que não queria botar esses sapato. (Começa a botar a louca na mesa, zanzado)

Generosa - Mais seu Armando, o que e que a gente tava cunvelsando, mesmo?

Armando - Eu estava respondendo a pergunta da sua gentilissima amiga Madame Prudencia que me perguntou qual a impressao que eu tivera de Mademoiselle

Prudencia - Quer dizer entao que ela correspondeu inteiramente a sua expectativa, senhor Armando Duval?

Armando - Sem temor e exagerar, dado se me seja afirmar que a impressao foi alem muito alem do que eu poderia ter imaginado.

Prudencia - E melhor assim. Pior teria sido ao inverso.

Armando - Sem duvida, sem duvida. (Entra Manine, bota uma quartinha de barro com agua, saliteiro e copos.)

Prudencia - Queres que te ajude a por a mesa, Manine, para que não tenhamos de esperar menos tempo? Estou morrendo de fome.

Juvencio - Não e preciso, ja ta pronta. E pra tase a comida, dona Margarida?

Generosa - Traiz, Manines, traiz que as visita e de ta com fome. (Juvencio sai)

Prudencia - ~~xxxx~~ O senhor Armando não demonstra impaciencia pelo jantar mas e facil de compreender. O amor alimenta.

Armando - O amor e tudo na vida, quando temos a certeza de sermos correspondido: madame Prudencia.

Prudencia - E em todo esse tempo que o senhor Armando tem estado aqui ainda não adquiriu essa certeza?

Armando - Ha creaturas que são verdadeiros enigmas, Madame Prudencia, e enquanto não ouvimos dos seus proprios labios a confissao do seu amor não conseguimos chegar a qualquer conclusao.

Prudencia - O que diz a isso Margarida?

Generosa - (fingindo alheamento) Eu tava tão intertida que nem ovi o que e que vocela tava dizendo.

Prudencia - Ela ja dirá depois sem testemunhas. (Entra Juvencio com umas viandas de manino ou esatba, que coloca ao centro da mesa).

Juvencio - Oia, jantar...

Generosa - Traiz alguma coisa pra gente tate.

Juvencio - Não ou celveja?

Generosa - Vinho e melhor. Traiz vinho.

Juvencio - (confidencial, perto dela) O almace não quiz vender o vinho nem vender o dinheiro. Pede celveja, dona Generosa que vinho não tem.

Generosa - E? (transicao, alto) Como sabe o seu Armando gosta mais de celveja?

Armando - Se perfiere celveja tem celveja tambem.

Generosa - Para mim e indiferente, menina Gotie. A seu lado tanto a cerveja com o vinho terao um sabor muito mais agradavel.

Prudencia - Ele ta disfalcando mas eu to vendo pela cara dele que ele gosta muito mais de celveja. Traiz celveja, Manines. (Juvencio sai)

Prudencia - (sentando-se a um dos lados da mesa.) O que e que esperam vocês, o jantar esfrie? Vamam,xxxxxxx Venham, venham para a mesa. (Armando e vantax-se).

Generosa - (Indicando-lhe a cadeira defrente a Prudencia) Se assenta aqui seu Armando. (Ele senta. Ela coloca-se entre os dois, de frente para o publico. Tira as viandas e serva-las a mesa dizendo o que contem)

Prudencia - De-se um pastel. (Generosa serve-lhe um pastel equilibrando-o na ponta da faca. Quando vai botar-lo no prato o pastel cai e ela assura-o com a mão e bota-o no prato de Prudencia. Mata a mão da vianda, tira outro pastel e bota-o no prato de Armando)

Generosa - Não arrepare. Com a mão não dá para tanto. Depois a faca não tentei eleg mesmo. (Serve-se de um pastel e de salada de alfaca, oferece-a aos outros que a recusam).

Prudencia - (fingindo alheamento) Uma porco de celada seu Armando?

Generosa - (fingindo alheamento) Uma porco de celada seu Armando?

Prudencia - (fingindo alheamento) Uma porco de celada seu Armando?



- Duques - Muito obrigado, minha filha. Tu és muito gentil.
- Prudencia - Quem sabe ainda não jantou, senhor Duques, ainda está em tempo.
- Duques - Muito obrigado.
- Generosa - Sobre muita comida.
- Duques - Não quero, não. Eu já jantei. (Reparando que tem três lugares na mesa)  
Mas... quem jantou com vocês as duas?
- Generosa - (atrapalhada) Quem jantou? quem jantou com nós, Prudencia?
- Prudencia - Ninguém.
- Duques - Como ninguém se vocês são duas e vejo três lugares à mesa?
- Generosa - Três lugar? Ah é! Engraçado, Prudencia, três lugar.
- Prudencia - De certo que são três lugares, Margarida. Você esqueceu que Nanine está  
já sentada aí? (eu não pude dormir aqui, não pude dormir)
- Generosa - Ah é mesmo!... Nem se lembrava mais. Intertida com a cunvelsa, me is-  
guici. (Prudencia levanta-se e vai sair) Onde é que tu vai, Prudencia?
- Prudencia - Vou ver o gatinho, coitadinho, que eu deixei lá no teu quarto, Margari-  
da.
- Generosa - Ah é, então vê. Cuida dele faça alguma coisa lá. (Prudencia sai)
- Duques - Recebi o teu recado e apressei-me em vir ver-te. Desejavas alguma coisa?
- Generosa - (levanta-se procurando fingir embarço e vem à boca de casa) Sim... eu  
precisava... mas agora não sei si deves... (ela vem ao encontro dela)
- Duques - Fala sem constrangimento.
- Generosa - Não me astrevo, seu Duques... o senhor tem sido tão bom pra mim...
- Duques - Bem sabes que servir-te só me dá prazer.
- Generosa - (indolente) É que... (igual antes) É agora que eu tenho que pedir? (está  
de quem não ouviu) Hein? Agora mais arto, não te ouvindo nada. (Sacode  
a cabeça afirmativamente) É que... eu precisava... precisava de cin-  
quenta cruzeros. (Ela tem a dizer)
- Duques - Advinhei então o motivo do teu embaraço. (Nota a mão no bolso e ao ti-  
rar o dinheiro cai uma nota no chão. Ela olha, deixa cair o lenço, se-  
gura o dinheiro e o lenço e depois, muito mal disfarçadamente, abre a  
cédula para ver de quanto foi. Esconde-a no seio e fica olhando o di-  
nheiro que o Duques está contando. Ele entrega-lhe as notas, ela conta  
bota-as também no seio e agradece sorrindo).
- Generosa - Muito obrigadinho, seu Duques.
- Duques - Desejavas mais alguma coisa?
- Generosa - Não seu Duques, era só isso. Era pra mandá pagá o telefonis.
- Duques - Bem, vou andando que é tarde.
- Generosa - É cedo ainda, seu Duques. Se assente pra cunvelsa um pouco. (Tira-o pelas  
duas mãos para a cadeira e senta-se, sem sentir, em cima da cartola de  
duques. Prudencia entra, e coloca-se na outra extremidade, em se, procu-  
rando não se sentir a Generosa que não os entende.) Ele táva dereitinho  
lá, Prudencia?
- Prudencia - Estava, coitadinho, dormindo nos pés da cava, todo enroladinho. (Ex u-  
dencia começa a fazer sinais. Generosa não entende. O Duques voz duas ou  
três vezes surpreende-a e ela disfarça.)
- Duques - O que é que a senhora tem?
- Prudencia - Nada, senhor Duques, é uma noção que está se importunando. (O Duques dei-  
xa o olhar perdido e ela então levanta a testa para lê-la que deve  
ser dor de cabeça. Generosa resosbe de repente)
- Generosa - (toca a mão na cabeça) He, que dor de cabeça horrível!
- Duques - Não venha pensar no frio esta tarde. Saíste, não é verdade?
- Generosa - Deixa a minha vortinha do costume no cupé pelos campos Eliseus.
- Duques - Precisas repousar. Retiro-me. (Levanta-se e começa a procurar a cartola.  
Generosa permanece sentada, fingindo dor de cabeça).
- Prudencia - O que procura, senhor Duques?
- Duques - O meu chapéo.
- Prudencia - Eu o havia deixado aqui. Quem sabe Nanine guardou-o lá dentro? (chama-a  
Nanine! Oh Nanine!
- Juvencio - (de dentro) Eu não tenho que entrá agora, não vô. Deixa de se boba.
- Prudencia - (falando para fora) Você levou, por acaso, o chapéo do senhor Duques?
- Juvencio - (de dentro) Eu não levei nada. Isso não tá no papé eu não tenho que ar-  
responde. Não me assola.
- Generosa - Quem sabe o senhor se esqueceu-se do chapéo no bonde, seu Duques? Ríde  
se.
- Duques - Não esqueci. Deixei-o aqui, tenho a certeza.
- Generosa - Se o senhor dezo tem que tá, ninguém ia robá ele. Vamo procurá dereiti-  
nho. (Levanta-se para procurar e Prudencia avista-o em seguida todo am-  
gado.)
- Prudencia - Está aqui, ó. Eu sabia que tinha ficado aqui na sala.
- Generosa - Hé, que lasti! Discurpe seu Duques. (entrega a cartola e entrega-a ao  
Duques).

Prudencia - (Quando Margarida pelo vestido, confidencialmente) Pediste-lhe o dinheiro?

Generosa - Pidi.

Prudencia - Quanto?

Generosa - Quarenta cruzeros.

Prudencia - Vais me emprestar vinte.

Generosa - Mas tu me paga depois, hein? (alto) Venos, ~~zanzar~~ meu Duque, vó acompanha o senhor até lá a porta. (Enfia-lhe o braço e sai com ele).

Prudencia - (depois que eles saem, chamando Armando) Pronto, senhor Armando, pôde vir. Bellamente conseguimos livrar-nos do duque. (Armando entra com a fisionomia fechada) O que tem, está aborrecido?

Armando - Amo Margarida e não posso vê-la dispensar atencões a outros homens.

Prudencia - É então o ciúme que o deixa assim? (ri, com vontade) Óra francamente! Só rindo, senhor Armando, só rindo. O que imagina que seja o senhor Duque para Margarida?

Armando - Não é difícil adivinhar, Madame Prudencia.

Prudencia - Pois está muito enganado, meu amigo. ~~//~~ Sente-se aqui e conversemos. (senta-se) O duque tinha uma filha da mesma idade de Margarida e parecidíssima com ela. Essa filha adoeceu e morreu. O Duque ficou desesperado. Um dia, numa estação de aguns, conheceu Margarida e ficou impressionado com a parecença dela com sua filha. ~~Então~~ Soube da sua vida e veio propor-lhe de abandoná-la que ele então custearia todas as suas despesas. Margarida estava cheia de dividas aceitou a proposta mas sob condição expressa do Duque de não ter mais nenhum amiguinho, embora ele não seja para ela mais do que um pai. Paga-lhe as despesas, apenas, nada mais. Já vê, meu amigo que não há razão para ciúmes... (entra Margarida)

Generosa - Que bom que ela já foi. Eu só me lembrava que o senhor tava preso lá dentro.

Prudencia - É roide de ciúmes, Margarida, vê só. (começa a rir muito)

Generosa - Ciúme? Não! Porque? (ri muito desajeitadamente e sem linha. Bate a campainha. As duas param de rir.)

Prudencia - Quem será?

Armando - (picado) Algum outro pai, com certeza.

Prudencia - Oh senhor Armando, vejo que não acreditou no que lhe contei. Não injurie Margarida.

Generosa - Não! Como eu sou infilisa! (entra Juvencio)

Juvencio - O seu Gastão e a dona Olimpa tão aí. E pra intrá ou pra dizê que saíro?

Generosa - Pôde vendá entrá, Manires. (Juvencio sai) São uns amiguinho nosso. Começamos de i dançar num clubis noturno. O senhor vai tambem com a gente, o vai seu Armando? (Entram Olimpia e Gastão, muito alegres, muito contentos, fazendo grande alarido. Troca de saudações entre as mulheres e os recém chegados.) Ah, deixa apresenta aqui o seu Armando e dois amiguinho.

Olimpia - Muito prazer.

Armando - Armando Duval. Encantado, Mademoiselle.

Gastão - (certamente o de Armando) Gastão de Rieux.

Armando - Armando Duval.

Generosa - Agora já se conhece vão se consentando.

Olimpia - A hora é pouca. Vamos busce-las como havíamos combinado. O senhor virá tambem conosco, não é verdade senhor Duval?

Armando - Si me permitirem terti prazer nisto.

Olimpia - O prazer será todo nosso. (aproxima-se de Prudencia, olhando significativamente para Armando. Confidencial, a Prudencia) Bem simpático que apito toca?

Prudencia - Não sei. É mais um apaixonado de Margarida.

Olimpia - Olha que tem muita sorte essa creatura.

Gastão - Creio que não devemos perder muito tempo, não é verdade? Temos ainda quasi uma hora de coupe até o Club e Margarida não devere recolher-se muito tarde, segundo me disse o medico que a está tratando.

Armando - Creio até que talvez fosse melhor ficar, não lhe parece?

Gastão - Deixe-a divertir-se um pouco, senhor Duval. A vida é curta.

Armando - Bem, eu limitei-me a dar uma sugestão que poderá ou não ser aceita pela senina Gotiê. Eu não tenho mesmo o direito de interferir.

Olimpia - Vamos, sim, vamos todos ao club divertir-nos dançaremos e beberemos bastante. Estou muito alegre, hoje e desejo dar expansão a este minha alegria. Tenho tanta vontade de correr e brincar que vou começar por aqui mesmo. (Passa a não xarixar pelo pescoço de Armando, começa a cantar um valsa de opereta e a dançar. Para um momento para mandar que os outros façam o mesmo. Gastão enlaça Margarida. Manire entra no momento e agarra-se em Prudencia e durante alguns momentos todos

cantam e dançam. De repente Margarida começa a botar a mão na cabeça, como a sentir-se tonta. Para de dançar e senta-se no divan. Todos veem e perguntam o que foi.)

- Prudencia - Pôla, minha querida, diz o que tens.
- Generosa - Não se assustiu, foi uma tontura. Já passou. É melhor yocéis i que stixxa eu vo discansa um pouco e depois tomo o meu cupé e vo incontro yocéis.
- Olimpia - Ora que pena. Já fica retragado o nosso programa. Porque você não se faz um pequeno esforço e não vem junto conosco?
- Prudencia - Não convem, Olimpia. É melhor que discance um pouco primeiro.
- Gastão - É realmente lamentável. O grupo já não irá completo.
- Generosa - Tá bão, intão eu vo. Manines, trais a minha capa de alminho. (Juvencio sai).
- Armando - Parece-me uma ingrudencia o que vai fazer.
- Generosa - Não é nada de malhor, não se assuste. Kaxxaxa (Botando a mão na barriga) Eu acho que foi os pastel que não se assentou muito bem.
- Gastão - Coitados! Procura enganar-se a si mesma.
- Prudencia - Cuidado, fale baixo que ela pôde ouvir. (entra Juvencio com a cara de bebado. Armando segura-a. Margarida vai ao espelho, ajusta os cabelos Armando coloca-lhe a cara e quando vão todos saindo ela tem um acesso de tosse, voltando e sentando-se no divan a tossir.) É melhor nos irmos. Se Margarida melhorar vira encontrar-nos mais tarde. (apurrando todas) Vamos, vamos, quando ela está assim goste de ficar só.

(Saem todos. Margarida permanece num acesso de tosse por alguns momentos e por fim encosta-se abatida ao divan. Entra Armando, segura-lhe a mão que está pendente e fala-lhe compassivo.)

- Armando - Porque não se trata, menina Gotiê? Tão nova ainda e tão bela! Porque não foge do bulício dessa vida desregrada e não se recolhe a uma casa de campo para convalescer? Não corra de encontro a morte. A vida é boa e pôde lhe oferecer ainda tanta coisa linda!
- Generosa - Como o senhor é bão, seu Armando! É verdade então que o senhor me ama?
- Armando - Muito, Margarida, muito! Com todo o ardor de minh'alma! Com toda a força do meu coração.
- Generosa - (tirando uma carmelita dos cabelos e dando-a a Armando) Pela sinceridade dessas palavras tão chics que o senhor mi disse vo lhe dá essa carmelita de recompensia.
- Armando - Oh Margarida como eu sou feliz!
- Generosa - Essa carmelita o senhor é de se devorvê ela um dia.
- Armando - Quando Margarida?
- Generosa - Quando eu tiver mulcha.
- Armando - Ficará só por poucos dias em minha mão.
- Generosa - É mesmo assim inda é xxx capala que dure mais do que o seu amor!
- Armando - Oh Margarida, não se faça tamanha injustiça. O seu amor ha de ser etax no...
- Generosa - É verdade? Não se arrelete outra vez que tu se ama.
- Armando - ... (saem)
- Generosa - ... (saem)
- Armando - ... (saem) (Generosa gaseca e rager sinais para oIANO fechar mas ela permanece aberto e ela vai repetindo o nome dele e ele o nome de-la, acompanhado sempre de gestos para que o IANO se feche quando entra Juvencio.
- Juvencio - O seu Sidioca mandô disse que o IANO não qué fecha. Disse que tá amaca-do. (O IANO começa a fechar) Ah disimpaco, agora!

FIM DO 1º ATO



AO abrir-se o pano a cena está deserta. Entra Prudencia, da rua, tirando o chapéo e collocando-o sobre a mesa, ameitando os cabelos ao espelho. Os vapores estão sem flores. Prudencia fecha para dentro.)

- Prudencia - Pódes entrar para cá, Michete.
- Michete - Estava admirando aquelles quadros que Margarida tem na ~~salleta de entrada~~ salleta de entrada.
- Prudencia - Tudo que ves ali é presente do Duque.
- Michete - Ele deve ser muito rico, ~~antão~~
- Prudencia - Riquíssimo. Graio, entretanto que já descobriu alguma coisa de Margarida porque ha dois meses que não lhe manda um franco. A coitada está em palladissima para atender os credores. Já lhe escreveu uma carta e elle nem sequer respondeu. Foi para entender-me com elle que vim hoje de anteuil.
- Michete - E ella como ficou?
- Prudencia - Encantada da vida. Passa os dias a passear pelo campo com Armando ou fazendo passeios de bote.
- Michete - Não lhe são prejudiciaes os passeios a pé? O medico não lhe recomendo repouso?
- Prudencia - Sim, mas prender Margarida em casa é o mesmo que condemná-la á morte.
- Michete - Poderia passear de carro. Ella não levou o seu coupé?
- Prudencia - levou mas já teve que se desfazer dele como de muitas outras coisas de valor. Hoje trouxe este anel que venderei se o Duque não concordar em mandar-lhe dinheiro. (Michete examina o anel, entregando-o a Prud.)
- Michete - E Armando nada faz por ella?
- Prudencia - Ella não admite. Ademais elle ignora a verdadeira situação em que Margarida se encontra porque ella oculta dele tudo quanto diz respeito a dinheiro. Não admite que elle gaste coisa nenhuma com ella. Diz que lhe basta o seu amor.
- Michete - Está perdida, então. *É o que tambem penso. Está perdida por elle*
- Prudencia - É o seu maior peccado. E elle tambem completamente alucinado por ella. Imagina que nem mais responde as cartas que o pai e a irmã escrevem a elle.
- Michete - E se tu lhe dissessees alguma coisa sobre que ella soubesse?
- Prudencia - Ella se meteria o dia que descobrisse. Além disso que poderia ella fazer por ella? Sua familia é remediada e Armando tem um rendimento que seria ~~irrisorio~~ irrisorio uma pizarraria deante dos gastos de Margarida. A terça parte do que elle tem ella gasta mensalmente com os seus vestidos e as suas joias. Para uma natureza como Margarida só uma fortuna como a do Duque de Norriac ou do duque de Girre.
- Michete - Foi o Duque que mandou-a para o campo?
- Prudencia - Foi elle que resolveu ir mas foi elle que alugou-lhe a casa. E que casa? ~~prudente~~ Também alugou-a, o duque, por quem ~~prudente~~ Um verdadeiro sonho!
- Michete - ~~il fr~~
- Prudencia - ~~ser lindissima~~ verdadeiro encanto. O jardim é maravilhoso. Temos passado lá uma ~~vez~~ ~~de~~ adorabiliissima.
- Michete - Mas é a tua loja de chapéus, abandonaste-a?
- Prudencia - Enquanto o Duque mantinha as despesas de Margarida ella não se preocupava. Agora receio muito de ter que reabri-la. Em todo o caso hei de fazer tudo para salvar Margarida da ruina. (Campanha da rua) Deve ser o Duque. Está exactamente na hora que elle annunciou que viria e elle é pontual como um ingles.
- Michete - Saio por aqui então, não será talvez conveniente que se encontre aqui. Adeus, Prudencia. Um abraço a Margarida.
- Prudencia - Adeus, Michete, obrigada. (Michete sai. Prudencia vai abrir a porta.) (Ha uma peusa e ella volta acompanhada do Duque. Este coloca a sua cartola na cadeira mais a vista do publico e vai sentar-se no divan. Prudencia vai sentar-se ao lado d'elle.)
- Duque - Recabi seu bilhete e aqui se tem.
- Prudencia - Meu caro Duque, vim expressamente de Anteuil para falar-lhe.
- Duque - Diga então o que deseja de mim.
- Prudencia - Margarida escreveu-lhe uma carta e... como não obtive qualquer resposta do senhor...
- Duque - Já sei. Pensei que se havia de fazer de bobo a vida inteira, não é verdade?
- Prudencia - Como assim, Duque? Não estou entendendo.

- Duque - Ora não se fege de ingénua, madame Prudencia. Margarida está vivendo lá no campo com o senhor Armando Dival e a senhora bem sabe quais foram as condições que lhe propus para auxiliá-la em tudo que necessitasse.
- Prudencia - Exigiu que ela abandonasse a sua antiga vida, eu sei. Mas o caso de Margarida com Armando é muito diferente, meu caro Duque. Ela ama-o verdadeiramente e ele também a ela. Só não se casará o senhor Dival com Margarida se ela não quiser. E não que o senhor não se operia zorraia a felicidade dela, não é verdade? O senhor a estima tanto!
- Duque - Oponho-me a que mantenha qualquer relação amorosa com quem quer que seja ou então abandone-a a sua sorte.
- Prudencia - Parece-me que o senhor Duque excede-se um pouco no seu zelo por ela. Afinal toda a mulher - seja ela quem for - tem direito a um pouquinho de felicidade. E Margarida é agora inteiramente feliz ao lado de Armando.
- Duque - (levantando-se indignado e caminhando para o lado oposto do palco) Pois então que continue. Que não me procure mais. (Senta-se na cadeira ao lado da qual está a sua cartola. Prudencia levanta-se de onde está, vem para junto dele e, na ansia de convencê-lo, senta-se em cima da cartola, sem se aperceber).
- Prudencia - Mas senhor Duque, seja razoável.
- Duque - É inútil insistir, Madame Prudencia. A minha resolução é a que acabei de dizer.
- Prudencia - Não posso ser convencido. O senhor quer muito bem a ela, não é verdade?
- Duque - A senhora duvida?
- Prudencia - Absolutamente não. E exatamente por não duvidar do seu afeto por ela é que acho estranho que lhe negue auxílio num momento em que está tão necessitada.
- Duque - O homem que a faz tão feliz que trabalhe e lhe dê tudo quanto necessita.
- Prudencia - Ele o faria de bom grado, estou convencida disto, eis entretanto não o quer.
- Duque - Já sei. Quer que eu continue a pagar-lhe as despesas para que vivam os dois a minha custa não é isto? Não senhora esta muito enganada. Diga-lhe Madame Prudencia que o Duque de Morriac é bom mas não é bobo. (Pausa) Peço-lhe agora licença para retirar-me. (Procurando a cartola) Onde diabos deixei eu o meu chapéu? (Procura-o por toda a parte enquanto Prudencia permanece pensando como a ver se encontra ainda uma saída) Não viu a senhora o meu chapéu?
- Prudencia - (como que desparatado) O que disse senhor Duque?
- Duque - Não viu a senhora onde deixei o meu chapéu?
- Prudencia - (levantando-se) O seu chapéu... vou procurá-lo. (Dá uns passos, olha em volta e procura-o e encontra-o encostado na cadeira) Está aqui.
- Duque - (andando para trás e dando-o ao Duque) Desculpe, foi sem querer.
- Prudencia - (sacudido) Esse muito bem, Madame Prudencia e diga à senhora Cotie que...  
necas. (Pausa) (Depois que o Duque sai Prudencia dá alguns passos pela cena, hesitante. Para o anel de Margarida, olha-o algum tempo e diz):
- Prudencia - Que coisa! Tão lindo e ter um vende-lo. Se eu tivesse um Duque de Morriac vendia-o para mim. Bem, uma vez que não há outro remédio... vou tentar vender para os senhores. (Tira o chapéu de cima da cadeira e coloca-o à frente do espelho. Permanece um momento a olhar para o reflexo quando a campainha da rua toca.) Quem será? Teria o Duque se arrendado? (Prudencia sai para abrir a porta e ainda no interior exclama): Ué, Margarida que surpresa! O que foi isto? O que aconteceu?
- Generosa - (entrando, seguida de Prudencia e Ninine. Ninine traz uma mala) Nada de malho, não te assustes. Armando percebeu via a Paris percorre umas calças do pai e da orna e eu intão aproveitei e vim junto. (Tira o chapéu) O Duque saiu agora mesmo daqui. Não o encontraste lá em baixo?
- Prudencia - Não. E tu pidiu o dinheiro pra ele?
- Prudencia - Pedi mas ele negou-o. Disse que deve bastar-te o suor.
- Generosa - Que cafagestre, hein?
- Juvencio - Como é, dona Margarida, adonde é que eu vô butá essa bagagem?
- Generosa - Ora Ninine, deixa aí em qualquer parte, percebe grigunda? (Juvencio põe a mala em cima da mesa). Que disse que então vamo té que vende o anel?
- Prudencia - É, não há outro remédio.
- Generosa - (sentando-se a tirando o abrigo) Não se assustem. Esse anel deve de valer uns bon crezéro. Eu acho que se nós vende ele bem vindido que nós is paguemo tudo e ainda sobra troco. Nós não devero tanto assim.
- Juvencio - Isso é o que a senhora pensa. Oia: temo atrozado no alvarzen, temo atrozado no pedero, temo atrozado no alugar da casa, temo atrozado no agougue, temo atrozado em tudo quanto é palte.
- Generosa - Tá bão chega, ninine, a gente já sabe, não percise tá dizendo.
- Prudencia - Bô lá sair justamente agora para ver se vendia o anel.

- Generosa - Pois então vá Prudência. Tu ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ fico esperando aqui. O Alameda ficou de vir te busca depois das sete. De tempo de tu ir e vir até que ele venha. (Colocando a mão na porta da rua)
- Prudência - Quem será? (Dirige-se para a porta)
- Juvencio - Deixa que eu vou ver, Madama I Prudência. (Sei, Prudência fica)
- Generosa - Óia aqui, Manines! (Juvencio volta)
- Juvencio - O que é, dona Margarida?
- Generosa - Se foi a prestação tu disse que nós não fomos e que só voltamos daqui a três dias.
- Juvencio - Ora, por isso não precisava de tanta volta. Eu já tô acostumada a trapalhar eles. (Sei)
- Generosa - Tu vai agora então, não é Prudência? E vê se volta antes das sete.
- Prudência - Vou esperar um momento para ver quem é que chegou aí.
- Generosa - Pode se que seja o seu Duques.
- Prudência - Não creio. Saíu daqui tão sangado com você que não acredito na sua volta. (Juvencio entra)
- Juvencio - Dona Generosa... que disse, dona Margarida, tem aí um homem que que fala muito com a ginhora. Disse que assunto particular.
- Generosa - Quem será! Não sendo cobrado pode ainda entrar. (Juvencio sei)
- Prudência - Assunto particular, disse Manine. Não devo ficar aqui, então.
- Generosa - Tu já vai vender o anel?
- Prudência - Vou esperar um pouco ali dentro, estou curiosa para ver quem é. (Sei)
- Juvencio - (Aparecendo, acompanhado de Jorge Duval) Tá aqui ele, dona Margarida.
- Duval - É a menina Gotié?
- Generosa - Margarida Gautier, a dama das carmelitas. Uma amiguinha às ólde.
- Duval - (curvando-se) Minha senhora!...
- Generosa - (imitando o gesto e exagerando-o) Meu senhor!...
- Duval - Jorge Duval às suas ordens.
- Generosa - O pai do Alameda?!...
- Duval - Eu mesmo.
- Generosa - (Abraçando-o, escandalosamente e sem cerimônia) Como vai?! Muito gosto em conhece. Dê-me o seu chapéu. (arranca-lhe o chapéu) Toma Manines, bota no cabidris. (Juvencio agarra-a e bota-a na mesma cadeira em que as outras foram empurradas). Se assente.
- Duval - (se põe) Desejo muito falar com a menina.
- Generosa - Eu to às suas ordens, mas se assente.
- Duval - É o assunto que me traz aqui é de muita gravidade.
- Generosa - Tá bem, mas se assente.
- Duval - Trata-se de... (empurrando-o com raiva) Te assenta, Sidoca. (Ela cai sentada na cadeira) Quantas vezes já te disse pra tu te assenta, bananas. (olha para o público e sorri, forçadamente) Mas, como o senhor tava dizendo...
- Duval - O assunto que me traz aqui é de suma gravidade. Trata-se de meu filho.
- Generosa - (De dentro dos braços e vai sentar-se ao lado dele, exatamente em cima da cadeira, sem se aperceber) Pode falar que eu tô ouvindo.
- Duval - (antes de falar) A senhora tá que abandonar o meu filho.
- Generosa - (se põe)
- Duval - (que abandona-o, repito-o, menina Gotié)
- Generosa - (disgustada, seu Duval) ~~xxxxxxxxxxxx~~
- Duval - (ruça, menina) meu filho não só se perderá por sua causa como será ainda a ruína de sua irmã.
- Generosa - Não chateia, vou convencer outras coisas. (Perguntando ao ponto) O que é? Não ouvi, fale mais arto. (como quem ouviu) Eu sei que não tá no papel mais e agora? Tive vontade de dizer, a boca é minha. (Olha braba para o ponto) Ingratado! Quem é a detentora aqui, não só eu? (Olhar de raiva ainda por alguns instantes para o ponto, volta-se para xxxxxxxxxxxx Duval e há uma transição para um sorriso forçado. É um sinal a Sidoca para que reconheça. Sidoca está perdida e espera pelo ponto ela dá-lhe um sa-fanço para reconhecer ele seareda-lhe alguma coisa, olham os dois para o ponto e ela dá alto impacientemente, dirigindo-se ao ponto) Principia dum vez, o que é que tá esperando? (Pausa, ficam os dois olhando para o ponto) Mais arto. O senhor tá cansado de saber que esse diabo é meio suldo, anda, Sidoca, fala.
- Duval - Pois é isto, menina Gotié, venho pedir-lhe (ajoelha-se) suplicar-lhe que abandone o meu Alameda.
- Generosa - Não! Que suplicio. É muito que se pede porque eu o amo ele.
- Duval - Mas é necessário deixá-lo, acredite. Sei que o amo e agora diante da sua beleza compreendo que meu filho também a amo, mas não é justo que minha filha, aquele enjo inocente de pureza e de candura, sofra as consequências das levandades do irmão.

- Generosa - Mas o que é que o erro do Alvaro tem que ver com isso, seu Dolval?
- Duval - Ela está noiva de um rico banqueiro mas a família dele pertence aquela classe de gente agarrada ao preconceito e conveniências sociais. Souberam das aventuras de meu filho e declararam francamente que consideram desfeito o compromisso se Alvaro continuar a viver publicamente, como o faz, em sua companhia. É justo que o futuro de uma jovem tão casta e tão boa seja sacrificado pelos desvarios de seu irmão? Margarida, vejo que você é boa e que as minhas lágrimas não o convencem.
- Generosa - Não chore, seu Dolval, eu não posso ver ninguém chorar. E se alivante que o senhor tá machucando as suas carnes. (Ele senta-se e ela limpa os olhos dele com a mão).
- Duval - Vai deixa-lo, então, não é verdade menina Gotié?
- Generosa - Isso é um buraco, sabe seu Dolval? Eu to tão inbituada com ele. Ele é tão bom pra mim. Faz tudo que eu quero: (crocando a cabeça) Inte cafune ele me faz as veis.
- Duval - A senhora arranjará outros que lhe façam. Veja menina, Gotié, tem diante de si um pai aflito que vem lhe pedir um grande sacrificio, é verdade mas um sacrificio que não será em vão porque dele depende a felicidade de uma jovem donzela, a tranquillidade de um velho que sou eu...
- Generosa - Dixa disso o senhor não é tão velho assim.
- Duval - ... e a salvação de um rapaz extraviado. Deus ha de lhe recompensar todo o beneficio que o seu gesto nos trará. Eu mesmo hei de reinar a ele e pedir por si. (Pausa, Duval enxuga os olhos).
- Generosa - (virando a cara pra o lado e falando pra si mesma) Coisa pau! Eu não gosto de ver ninguém chorar.
- Duval - Então? O que me diz? Devo sair daqui bendizendo-a pela sua bondade ou amaldiçoando-a pela sua teimosia?
- Generosa - (depois de uma pausa em que reflete e a sua fisionomia se contrai, levanta-se, vem a boca de cena e com gesto e voz teatral falsa) Duval levanta-se também e está suspenso aos lábios dela, aguardando a sua sentença) Seu Dolval: (Pausa) O supplicio que inflige de rim a o mais torturante que um homem pode infligi de coração dum mulher que fez do homem amado o seu idolo. Sai que você sofre pra cachorro (baixa os olhos para o chão). Dixa, eu quis dixe. (Voltando ao tom e ao gesto anterior) Não vou sofrer, meu Deus. Nem gosto de me lembrar!... Mas o senhor pode sair daqui na certeza de que Margarida Gotié - a dama das carmelitas, como o virgo pilado ela - ha de abandonar o seu filho Alvaro Dolval!
- Duval - (segurando-lhe a mão com as suas e beijando-a) Oh, Margarida! Margarida! eu to certa de que tu eras boa! O meu coração não me enganou. Hei de querer muito e hei de lembrar-te sempre pelo teu gesto de despreendimento.
- Generosa - (chorando) Não! Mas eu vô sofrer tanto! Tanto! (Leva o lenço aos olhos e volta a sentar-se em cima da cartola do velho. Ela se mexe e acaricia os cabelos).
- Duval - Margarida, minha filha. Você o esquecerá. ha de encontrar outro que substitua... (acaricia-lhe os cabelos)
- Generosa - (baixa) Não me desmancha os olhos, Dolval. (Volta e chora com o lenço nos olhos).
- Duval - Deus de lhe recompensar o sacrificio, minha filha. E agora adeus. Devo partir antes que ela chegue. Não convem que me encontre aqui. (Margarida fica enxugando o lenço com o lenço nos olhos, sem tirá-lo.) Onde é que eu deixei o meu chapéo? (Procura-o com os olhos em volta. Ela sustendo o lenço sobre os olhos com uma das mãos, com a outra retira a cartola de baixo de si e estende-a e Duval sem olhá-lo. Ela segura-a, fecha a fisionomia mostrando descontentamento e sai endireitando a cartola. Há uma pausa em que ela permanece na mesma attitude. Entra Prudencia, aflita).
- Prudencia - (virando a ela, sentando-se e seu lado e enlaçando-a) Margarida! Minha pobre e desventurada amiga! Ovi tudo! Vais então mesmo deixa-lo?
- Generosa - (tirando o lenço dos olhos) Assim é preciso.
- Prudencia - E o que vais dizer-lhe, já pensaste?
- Generosa - Não sei, Prudencia, nem sei o que é que eu vô dixe.
- Prudencia - Talvez que mentir muito bem, ao contrario elle não te acreditará. (Levanta um pouquinho.) Espere aí, tenho uma ideia. (Sai depressa. Margarida fica só e coga a cabeça por duas vezes. Por fim levanta um pouquinho a cabeça, mostra os dedos na boca e segura uma vulsa que está com o pé. Prudencia volta, trazendo papel de carta, caneta e tinteiro. Coloca tudo na mesa.) Pronto. Chama aqui para a mesa e escreve o que te vou dizer. (Generosa aproxima uma cadeira da mesa e senta-se. Prudencia dá-lhe a caneta e ela volta a boca para a mulher no tinteiro).

Generosa - (chorosa) Pobre do meu Armando! Nem gosto de me lembrar do que ele vai se sair. Das torturas!... (outro tom, olhando para Prudencia) Ele vai ficar seriado comigo.

Prudencia - Escreve, minha infeliz amiga. Não há outro remédio. (aitando) Caríssimo Armando.

Generosa - (repetindo) Caríssimo Armando. (comovido) Caríssimo. (olhando para Prudencia que está de pé sobre um dos lados) É com o cidielhado ou sem cidielhado? (Prudencia faz um gesto de que não tem importância e que ela sign. secreta-lheal, uma coisa ao ouvido) Ah é mesmo, não precisa escrever. É uma carta fingitiva. (Fingindo desparitadamente que escreve) Caríssimo Armando.

Prudencia - Não te quero mais.

Generosa - (repetindo e fingindo que escreve) Não te quero mais.

Prudencia - É inútil me procurares porque não me encontráras em parte alguma. (Ela finge que escreve)

Generosa - É inútil tu me procura porque tu não vai me encontrá em parte alguma.

Prudencia - Só o amor, infelizmente, não nos basta para viver. (Ela finge que escreve, repetindo uma ou outra palavra das frases que Prudencia diz).

Generosa - Tá.

Prudencia - Perdão o mal que te vou fazer e esquece a tua Margarida.

Generosa - (fingindo que escreve) ... e esquece a tua Margarida. Agora tenho de assinar, não é? Sinto ele não vai saber quem foi que escreveu.

Prudencia - Já está assinado, minha querida (repetindo) ... e perdão a tua "Margarida".

Generosa - Ah é. A Margarida é a assinatura. (Bota a caneta esvaziada no buraco do tinteiro). Tá. (Prudencia dobra a carta e coloca-a no envelope).

Prudencia - Agora podes ir para lá para dentro e deixa o resto por minha conta. (Carrinha da rua) (Margarida passa para ir atender a porta) Deixa, Margarida, deve ser Armando e vocês não devem aparecer. Nem tu nem Margarida. Vão as duas lá para dentro e não venham aqui sem que ela tenha ido embora. (Saem as duas. Prudencia arruma o cabelo no espelho e vai atender a porta. Ouve-se cumprimentos dos dois ainda fora).

Armando - (fora) Boa tarde, dona Prudencia.

Prudencia - (fora) Boa tarde, seu Armando, entre.

Armando - (entrando) Margarida ainda não chegou?

Prudencia - (entrando) Já chegou e já saiu, senhor Armando.

Armando - Saiu? Onde foi ela?

Prudencia - Senhor Armando... não há notícias a dar-lhe... Não sei como deve começar.

Armando - Mas não, diga a senhora? Fale, por favor, estou aflito. (coloca a cartola na cadeira do costume e vem ao encontro de Prudencia).

Prudencia - Ela partiu e deixou-lhe uma carta.

Armando - Partiu? Para onde? Não, não pode ser. A senhora está brincando comigo.

Prudencia - Infelizmente digo-lhe a verdade minxaxaxiz meu amigo.

Armando - Mas partiu? Sem se despedir, sem justificar a sua atitude? Não dá de ser... (repetindo) Sem se despedir, sem justificar a sua atitude? Não dá de ser...

Prudencia - Digo-lhe esta carta. (De-lhe a carta) É tudo.

Armando - (sufocadamente a carta, lendo-a e levando a mão à cabeça, trágicamente) Que horror, meu Deus! Que desgraça! Margarida abandona-me e para sempre! (Deixa cair os braços, tendo a carta ainda numa das mãos.) (Pausa). Tolo que fui em acreditar nas juras de amor duma mulher daquela espécie!... Oh meu Deus, meu Deus! que castigo cruel tu me impuseste (Cobre o rosto com as mãos e vem sentar-se na cadeira ao lado da que está a sua cartola. Prudencia enxuga as lágrimas com o lenço e vem colocar-se na cadeira ao lado, amassando-lhe a cartola sem se aperceber).

Prudencia - Não chore, meu amigo. Tenha coragem. Volte para a casa de seu pai que o seu amor e o carinho de sua irmã hão de suavisar o sofrimento que nos te momento o aflige.

Armando - Nunca mais hei de esquecê-la! Nunca mais!... Oh Margarida, Margarida!... Porque me abandonaste?!...

Prudencia - Como me dóe o coração em vê-lo tão aflito senhor Dival. (chorando) Aceite o meu conselho. Vá viajar, procure distrair-se o mundo é grande e há tantas corações em busca do amor! É possível que ainda encontre algum. (Cobre o lenço com os olhos e chora).

Armando - Vou viajar, sim. Pode ser que a distância me permita esquecer essa ingrata e perjure Margarida, mas nunca mais! nunca mais quero saber do amor! Adeus, Prudencia, agradeço-lhe tudo que fez por mim. (Má extende-lhe uma das mãos, conservando o lenço nos olhos com a outra. Ela lê-lhe a mão e com os olhos procura a cartola). O seu chapéu? Onde o deixou?

(Ela, sem retirar o lenço dos olhos, tira com uma das mãos a cartola debaixo da qual se estende a fita, e fitando seu olhar em ele. Ela segura-a e sai endireitando-a) Em uma pausa. Prudencia levanta-se e chama).

Prudencia - (chamando) Margarida! Podes vir.

Generosa - (colando-se a cabeça para dentro da cena e revisando tudo com os olhos) Ele já foi?

Prudencia - Neste instante. Tenho ainda os olhos húmidos das lágrimas que chorei por ver o seu sofrimento!

Generosa - (trágica) Hó!... Meu pobre Almando!...

Prudencia - Aconselhei-o a viajar e distrair-se. Coitado, ficou tão abelado!...

Generosa - E eu? O que vai se de mim agora?

Prudencia - Irems viajar tambem.

Generosa - Mas com que ropa?

Prudencia - O Deus, sabendo que o abandonaste ha de voltar a proteger-te. Pagarás tuas dividas e irems fazer uma longa viagem.

Generosa - Entao vai dum veia fala com ele.

Prudencia - Vou, sim. (Arruma o chapéo ao espelho e se seguida sai). Não deoto muito. Espera-se aqui. (Generosa, senta-se e começa a pensar, torcendo o lenço e afetando nervosismo. Juvencio entra)

Juvencio - (entrando) Dona Margarida. (ela não atende e se va torcendo o lenço) Dona Margarida! O que é que a sinhora tem que te tá tão melvosa?

Generosa - (como que despertando) Hó! És tu, Nenines?

Juvencio - Pois so eu, a sinhora não te vendo? O que é a que sinhora, inda que me pergunta?

Generosa - Nem quera sabe, Nenines! Que desgraça, meu Deus!

Juvencio - Mas o que foi? A sinhora conte que eu tô ficando até afrita.

Generosa - (dramática) Nenines: (Pausa) Tudo acabado!... (Pausa) Tudo acabado! (Pausa) Hó, sim! Tudo acabado! (Começa a chorar e vai ao fundo. Olha para onde seiu Prudencia, bota as duas mãos na cabeça, sacode-a de tras para a frente. Cerra-lhe os cachos de um dos lados e ela rapidamente baixa-se segura-os e distorcendo-os colca-os ao espelho. Bota depois as duas mãos sobre o rosto. Juvencio observa-a, contristado e com a ponta do avental enxuga os olhos. Margarida vai deitando para a boca da cena com o rosto tapado, tropeça e cai sobre um dos joelhos. levanta-se furiosa, da qual o se no lugar onde tropeçou, estrega o joelho e vai remuendo até a cadeira onde se senta e fica chorando.)

Juvencio - (vindo a ela) A vida tem dessas coissas, dona Margarida, a sinhora se aconsole.

Generosa - (trágica) Nunca mais!... Nunca mais, meu Deus!... Tudo acabado!... (Começa a chorar escandalosamente. Juvencio começa a enxugar os olhos com o avental e de repente esconta-se e fala sanzudo)

Juvencio - Tô não, a gineirosa, para com isso. A sinhora daqui a pouco vai se faze e chora de verdade. A sinhora nos enselho nunca feis isso que bobagem é essa agora! Isso não é do programa!

(CORRE O PANO RÁPIDO PARA O FINAL DO

2º A T O.)

## 3.º ATO

(Ao levantar o pano a cena está na penumbra. Acessa-se apenas a luz da ribalta. Margarida, deitada no divan está completamente coberta por uma colcha de algodão, tendo os pés descalçados, para fora do divan e so de meias. Está roncando fortemente. Nanine, sentada numa cadeira ao lado do divan, cochila também de sono, cambaleando e despertando cada vez que os roncões ressurdecem. Margarida, de quando em vez, coça os pés um com o outro. Passam-se alguns momentos assim e por fim a luz das abajuradas se acende com pequeno intervalo uma da outra. Amanheceu. Margarida dá um ronco mais forte. Nanine assusta-se e desperta. Bocejia, espreguiça-se, levanta-se, esfrega as cadeiras com as mãos e fala).

- Juvencio - ~~Exa:xxxxxxxnaxda~~ Ué, já amanheceu? (Levanta-se. Espreguiça-se novamente) Crede! que noite de cachorro!... Amanhã eu não vo druzi assentada, não, trago o meu corcho e boto aqui. (Pega a cadeira e coloca no lugar) (Carpinha da rua) Misericórdia, mal a gente se alivanta já tão batendo nessa polta. Oia que isso é uma campanha, cruz! (Vai atender e volta em seguida, acompanhado de Prudencia).
- Prudencia - Como passou ela a noite?
- Juvencio - Disse verdade num sei porque druzi quagi toda a noite mas acho que ela tomou druziu por que vorta e meia eu se acoldava com os ronco dela.
- Prudencia - O doutor disse ontem que ela teria poucas horas de vida. Aproxima-se do fim cada vez mais.
- Juvencio - Coitada da dona Margarida!
- Prudencia - Pobre amiga!... Tão jovem e tão bela!... Mas o que fazer? Deus assim o quer, seja feita a sua vontade. Fico desesperada cada vez que penso que vou perder minha amiga.
- Juvencio - E eu a minha patroa. Com esse crisis de emprego adonde é que eu vô trabalhar?
- Prudencia - Ha de se dar um jeito, Nanine. Tu és boa, não ha de faltar quem te queira a seu serviço. Hei de falar com minhas amigas e alguma delas ficara contigo.
- Juvencio - Mais oia aqui, dona Imprudencia, casa que me pague. Patrões que fique devendo eu não quero sabê mais. Oia: (contendo nos dedos) Junho, Julio, Agosto e Setembro. Quatro mais, já vai pra cinco. Agora ela morre, ai não é que eu não arrecho.
- Prudencia - Está bem, Nanine. Não te preocupes que eu te arranjaréi uma boa casa. Deixa-me contemplar o seu semblante. (Aproxima-se do divan e destapa com cuidado a cabeça de Margarida. Esta está com duas rodas de rouso acentuado nos olhos). Já se percebe a palidez da morte. (Margarida começa a despertar bocejia e a segurar coça a cabeça furiosamente. Juvencio olha de perto qualquer coisa que avistou sobre o travesseiro. Segura-a. Solta-a no chão e pisa em cima. Ouve-se um estalo de estoleta).
- Juvencio - Coitada! Por isso que ela se arrexeu tanto durante toda a noite. (Margarida esfrega os olhos e bocejia).
- Prudencia - (contendo nos dedos) Margarida!
- Generosa - (contendo nos dedos) Margarida! Margarida! Quem é?
- Prudencia - Eu, Margarida, a Prudencia.
- Generosa - Onde estás?
- Prudencia - Aqui, Martinho de ti. Não se vê?
- Generosa - Já não enxergo mais, Prudencia! (Prudencia sacode a cabeça e enxuga uma lagrima).
- Juvencio - A senhora que que lhe traga o café, dona Margarida?
- Generosa - Não Nanine, não quero nada. Não tenho fome. (Prudencia afasta-se para vir chorar no outro canto. Juvencio baixa-se perto do divan, levanta a colcha e luxa a escarradeira de louca, lavando-a lá para dentro. No que ele desentera ouve-se o ruído de um tropeço e a seguir uma coisa de louca que se quebra. Generosa salta da cama rapidamente, mesmo sem sapatos, vem depressa ao fundo e grita para dentro) O que é isso? O que é que vocês quebraro aí dentro? Cuidado com a loja de dona Crismiana que a coitada empresto tão boamente!
- Juvencio - (respondendo de dentro) Num foi nada, não, dona Generosa, fui eu que atrapiquei no meus pé e quaxax dexei cair a escarradeira e ela se quebro-se.
- Generosa - Ora que lasti!... a minha rica da minha escarradeira! Bem que eu não quiria traze ela! Mas deixa está, netrinho que agora quando trinina o espetaco tu vai me paga. (Voltando para o divan) Arre! que nem morreu dentro a gente pôde! (Deita-se de novo e tapar-se com a colcha, tomando o aspecto de quem já vai succumbir) Ai meu Deus! que tortura! Vou se ver se eu não... (Fecha os olhos)

- Prudencia - (aproximando-se do divan) Desejas alguma coisa, Margarida?
- Generosa - A volte, Prudencia. Se a volte podes aliviar o meu supplicio.
- Prudencia - Nao fales assim que me entristeces. Tu ainda ficaras a boar e has de ser muito feliz.
- Generosa - Se basta! Tu pense que me engana, pense que eu vo no beliao? (Ea uma pequena pausa. Ela levanta a cabeça para o ponto e fala, enxada.)  
Eu sei, mas eu quiz dizer te acabou.
- Prudencia - Has de ficar boar, sim. Irems para o campo e tu te restabeleceras.
- Generosa - Ja não tenho illusoes, Prudencia. A volte me espera e me chama.
- Prudencia - Nao fales demais que te fatigas. Ve se consegue dormir um pouco que o sono ha de te fazer boar. (Gaba-a melhor. Generosa fica quieta, de olhos fechados e a campainha da rua toca.) (Juvencio atravessa a casa para ir atender).
- Juvencio - Puxa que essa casa é uma verdadeira arfandega. Deis de vinho cada dia sendo gentes. (Sai)
- Prudencia - (referendo a Margarida) Parece que dormiu outra vez. Já parece o sono da morte. (Entre Juvencio acompanhado de Gastão. Gastão aproxima-se, entra aberta a mão de Prudencia e coloca a sua cartola de cabeça fatidica.)
- Gastão - (confidencial, em pé no meio da sala com Prudencia) Então, como vai a nossa desditosa amiga?
- Prudencia - Mai, muito mai. O medico desenganou-a ontem a noite.
- Gastão - Se ao menos tivessamos como avisar Armando...
- Prudencia - Nao se sabe onde elle está. Depois de cena que houve entre eles em casa de Olimpia elle partiu com destino ignorado.
- Gastão - Cama na casa de Olimpia, dia voce? Mas o que houve afinal?
- Prudencia - Como! Voce nao sabe? Mas toda a cidade correu. Sente-se, vou lhe contar. (Gastão senta-se na cadeira ao lado da sua esteira sua cartola, Prudencia vai sentar-se ao lado da cartola mas elle tira-a a tempo, ficando ~~XXXXXX~~ ficando com ella no colo). Imagina voce que Armando encontrou-se com ella, alguns meses depois do rompimento, ~~XXXXXX~~ numa festa em casa de Olimpia. Nao contente de cortejar Olimpia na sua frente, ainda atirou-lhe ao rosto todo o dinheiro que havia ganho na mesa de jogo, dizendo que era para pagar-lhe o pouco de felicidade que elle havia dado e elle nos meses que viveram juntos. Margarida teve uma syncope que quasi lhe custou a vida naquela noite. Elle saiu desatinado e nunca mais o avistei. Disseram-me depois que havia partido para um longo viagen.
- Gastão - Que bruto! Naturalmente estava alucinado de ciúmes.
- Prudencia - De qualquer forma nao devaria ter feito o que fez. Margarida tambem estava roida de ciúmes de Olimpia - porque ella o amava muito - e no entanto mantava uma linha impecavel! Elle perdeu-a totalmente ao primeiro contacto com ella.
- Gastão - Ciúmes do amor, minha amiga. Bem, a minha dorora é pouco. Vin apenas para saber noticias da nossa desventurada Margarida. (levantando-se e referendo a mão de Prudencia) Minha boa Prudencia, adeus e logo necessitar de alguma coisa e se voltar a voltar, ~~XXXXXX~~ que não me procure mais, e se der procuragem. Adeus.
- Prudencia - Adeus, Gastão. Adeus. Manine, acompanhe o senhor De Rieux até a porta. (Gastão sai, acompanhado de Juvencio). Estou extremamente desolado do medico. Elle vem sempre tao cedo! Quer sabe por ter certeza da inutilidade dos seus esforços, ele nao se apegou mais. (Juvencio volta e mal chama as campainha toca outra vez).
- Juvencio - (furioso) Eu nao to dizendo? Essa volte é um infelno. Tambem outra vez que a dona Gineiros representa o papel de lacção eu não faço. Pois se na casa dela eu ja so lacção, que possa se oja coisa o menos no drama. (olhando para o ponto, suspirado) Ja vo. (Sai, olhando com raiva para o ponto e suspirando).
- Prudencia - Deve ser o medico agora. (Pausa. Entre o Duque, acompanhado de Juvencio) Oh, senhor Duque, como está? (Tira-lhe a cartola e botta na cad.)
- Duque - Preocupadissimo com a nossa doente. Como está ella?
- Prudencia - Infelizmente muito mal.
- Duque - Que desgraça, meu Deus!... (levantando os braços para o céu) Tanto que eu tanto rezado! (Vem olhar Margarida e cartola de Rita-la alguns instantes leva as mãos o lenço aos olhos, enxugando-os) Até no seu leito de morte é parecida com a minha filha.
- Prudencia - E foi essa parecnça que ligou o seu destino ao destino da minha infeliz amiga.
- Duque - Fobre Margarida! Fobre creança!...
- Juvencio - O senhor não quer se assenta seu Duques?



- Duque - Quero sair. As minhas pernas já começam a vergar pelo peso dos anos.
- Juvencio - Ali tem cadeira, ó, não faça cirimonha.
- Duque - Quero sentar-me aqui. Perto dela. Enquanto me for possível hei de contemplar-lhe o formoso semblante.
- Prudencia - Traga uma cadeira dali para o senhor Duque, Nanine. (Nanine tran. O Duque senta-se).
- Duque - Não lhe dera ainda alimento algum?
- Prudencia - Ela não quis, senhor Duque. Ter um fantôma de noite. Nem mesmo as maçãs e as uvas que o senhor mandou ontem ela se quis comer.
- Duque - Minha filha foi assim. Tal qual. Foi a senhora que aqui esteve durante a noite?
- Prudencia - Não senhor Duque, esta noite passou-se Nanine.
- Duque - Nanine é uma boa creatura! (virando-se para ela) Hei de recompensar-te pela tua fidelidade. (Juvencio fica satisfeito, arrepende os olhos de cobice e vem sacudindo o corpo e os braços colgar-se deante da cadeira onde está a cartola do Duque)
- Prudencia - Ela bem merece uma recompensa pela sua dedicação.
- Duque - Ela a terá, esteja certa. (Juvencio bate as mãos de contente, dá dois ou três pulinhos na frente da cadeira e senta-se em cima da cartola, ansioso. Sente-a e levanta-se rapidamente colocando-se de costas para o Duque e apertando a cartola, escondendo-a do seu dono com o proprio corpo. (Margarida dá um gemido). O que tens, minha querida? (outro gemido) Ela deve estar sentindo alguma coisa. Pergunte-lhe o que é Prudencia.
- Prudencia - Eu já não tenho mais coragem de ver o seu sofrimento. (Põe a mão no rosto e afasta-se para perto da cadeira onde está a cartola. (Margarida dá dois gemidos seguidos)
- Duque - O que tens, minha filha, fala. Faz um esforço e diz. (Mais um gemido) (Duque virando-se para Prudencia) Ela está muito mal! (Prudencia bota as duas mãos no rosto, assustada) Ela vai morrer! (Prudencia cai sentada na cartola, amassando-a, mas sente logo, levanta-se e tem o mesmo gesto de Nanine: começa a endireitar a cartola. O Duque vem a ela) Vou procurar o medico. Parece-me que terá muito poucos momentos de vida.
- Prudencia - (Virando-se e entregando-lhe a cartola) Então vá, meu amigo, vá e não demore muito. Talvez não volte a tempo de encontrá-la com vida. (O Duque vai sair mas Juvencio pega-o por um braço, leva-o para um canto da casa e diz-lhe um segredo ao ouvido.)
- Duque - Quanto?
- Juvencio - (contando nos dedos) Junho, Julio, Agosto e Setembro. (Mostra com os dedos que são quatro)
- Duque - Espere lá. (Põe a mão no bolso, tira dinheiro e começa a mexer. O Duque deixa cair um nota e Juvencio tenta de botar o pé em cima. Recebe a nota, todo sorridente).
- Juvencio - Muito obrigadinho, seu Duque. (O Duque vai saindo).
- Prudencia - Acompanhe o senhor Duque até a porta, Nanine.
- Juvencio - Acompanhe a senhora dona Imprudencia, pois eu não sei si foi um meu ganho que eu dei nesse ou si foi uma cambria que eu ganhei, nem posso aqui mexer e não quero enganar o Duque. No que elas desappareceram, então. (Sai para pegar o dinheiro e esconde-o no seio. Vem para a porta de Margarida. Entra novamente Prudencia.)
- Juvencio - O seu Duque pagou os meus mais, dona Imprudencia. (Mostra a nota)
- Prudencia - Você pediu-lhe dinheiro, Nanine? Fez mal. O Duque tem sido tão bom para Margarida, tem gasto tanto com ela!
- Juvencio - Pois é, mas eu estava precisando o que é que eu ia fazer? Tive que pedir. Óis aqui, dona Imprudencia, a senhora vai ficar aí, bufando sintido na dona Margarida ou vá lá dentro fazer café pra tomar que deis que eu me alivantei que eu ainda tô em jujuju.
- Prudencia - Mas não demora muito, Nanine. Tenho receio de ficar só com ela aqui.
- Juvencio - É só um mucedado. Eu não tive tempo de fazer outra coisa senão atender essa maldita dessa volta. (Sai). (Prudencia vem para perto da Margarida que se mexe no divan, dando uns gemidos muito escandalosos).
- Prudencia - O que tens minha querida? O que estás sentindo!
- Generosa - Almando! Quero o Almando!...
- Prudencia - Coitada! Até nos ultimos momentos de sua agonia o seu pensamento está junto de Almando!
- Generosa - Onde está, Almando? Porque não vens?
- Prudencia - Ele vem agora, minha querida, acalme-te.
- Generosa - Almando! Quero o Almando! Depressa, meu querido Almando, depressa ante que ela venha!...
- Prudencia - Ela, é a morte, com certeza.
- Generosa - Foi mentira, tudo mentira, Almando. Foi calúnia que aliventei contra mim. A verdade é que te amei sempre, meu querido Almando!...



e grita para dentro).

- Genevosa - (furiosa) Para cá, Sidóca, eu ainda não morri! Que coisa que me deixa fúnebrica! (O pano abre-se novamente) Estragou tudo! Não se pode fazer uma coisa direita. (Voltam todos à situação anterior)
- Duque - (olhando antes para o ponto e fazendo sinal afirmativo com a cabeça) Diga-me doutor: ela já morreu, já?
- Doutor - Ainda não mas está quasi. (Genevosa dá novos gritinhos e novos estertores. Todos se aproximam aflitos e fazem um círculo a uma certa distancia do divan. O doutor toma-lhe o pulso mais uma vez, cruza-lhe os braços e tira a colcha para o rosto, descobrindo-lhe os pés. Prudencia e Juvencio apolham-se levando o lenço aos olhos e chorando muito. O Duque coloca-se por trás das duas, de pé e pisando em cima da saia de Juvencio. Tem também o lenço sobre os olhos).
- Armando - (vindo de dentro, gritando) Margarida!... Margarida!... Minha querida Margarida! Não te abandones! (Joga-se sobre ela e começa a soluçar. Ao entrar Armando, Prudencia e Juvencio levantam-se rapidamente e Juvencio fica em calças, sem se aperceber. Da dois passos para a frente e ao verificar o estado em que se encontra, faz, desesperado, sinais para que se feche o pano acabando por cruzar os braços sobre as pernas e curvar-se como num gesto de decorep.)

(CORRE O PANO RÁPIDO)